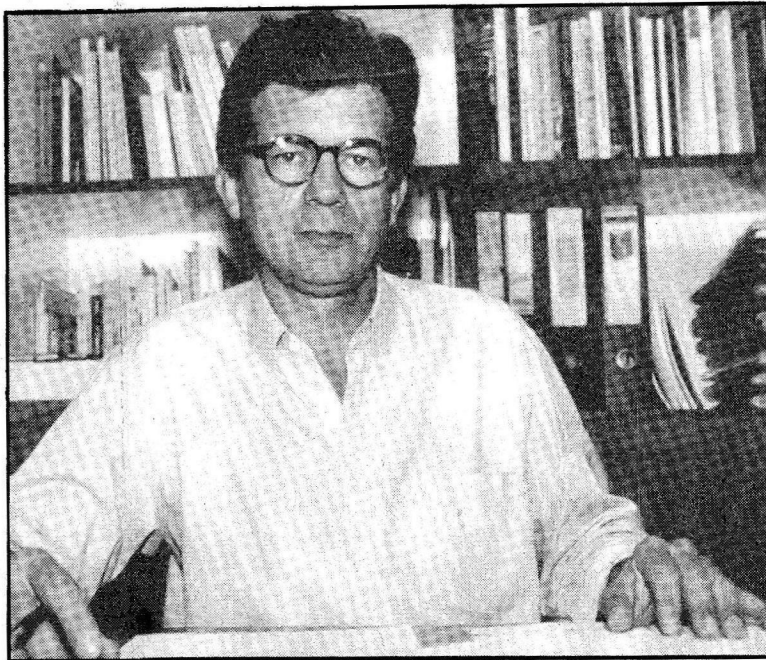
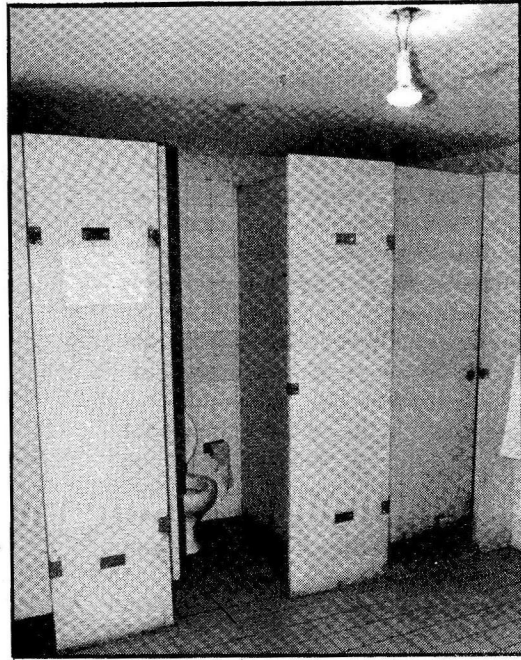


Adquirido através do Prêmio Brasília-1990, o painel de Nuno Ramos está exposto em local nada aprazível



Eurico de Andrade: "Temendo que as luzes do Museu se apaguem"



Banheiros do MAB: impróprios para o uso

Fotos: Francisco Stucker

MUSEU DESCALÇO

COM UMA SÉRIE DE PROBLEMAS, O MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA TEM FUNCIONADO GRAÇAS AO EMPENHO DE ALGUNS FUNCIONÁRIOS

MARCO TÚLIO ALENCAR

O grande desafio de transformar o Museu de Arte de Brasília (MAB) em um museu vivo — além de uma galeria, um centro de oficinas de criação, ateliês de experimentação, de vida social e humana — foi perdido na gestão de Fernando Lemos à frente da Secretaria de Cultura. Apesar de ter convidado para dirigir a instituição o designer baiano Rogério Duarte — que se apresentou cheio de idéias —, o MAB tem funcionado graças ao empenho do seu reduzido corpo funcional, que tem trabalhado muito mais como administradores de exposições do que na condução de um projeto de revitalização, que nunca foi colocado em prática.

As pequenas vitórias — como o conserto das calhas que provocavam infiltrações; a compra de quatro desumidificadores, equipamentos básicos em qualquer museu que se preze; a aquisição de ar-condicionados e móveis para armazenar gravuras e outros trabalhos em papel — são comemoradas pelos funcionários com a mesma intensidade com que os funcionários do Louvre, o maior museu do mundo, em Paris, devem ter saudado a abertura das suas

novas alas no ano passado. Mas, numa rápida visita ao MAB, é fácil verificar que falta tudo.

Os banheiros estão impróprios para o uso — os funcionários, inclusive, torcem para que os visitantes não precisem entrar nestes recintos; as esquadrias que fazem do prédio uma caixa de vidro precisam ser trocadas; há problemas também com a parte hidráulica e elétrica do prédio. "Nós ficamos apreensivos quando são montadas três exposições simultâneas, temendo que as luzes do Museu se apaguem", conta Eurico de Andrade, administrador do MAB. O encanamento antigo, com os tubos de ferro, é um risco constante para as obras expostas e do acervo. Eles estão se deteriorando e podem "estourar" a qualquer momento.

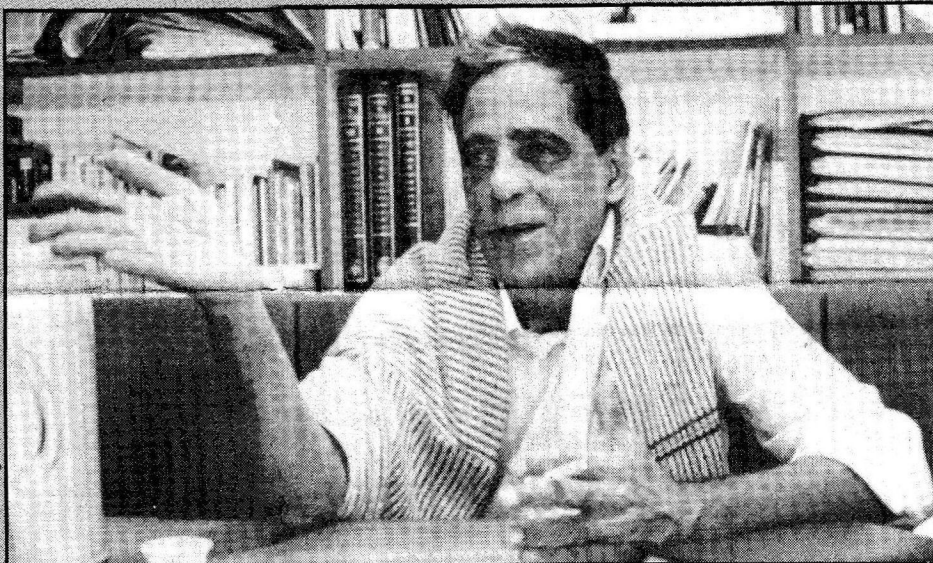
Projeto — Um projeto de reformas do prédio e dos arredores do MAB existe há muito tempo, mas quem convive com as suas dificuldades não espera que a sua execução se dê tão cedo. "Nós procuramos tirar algumas vantagens das debilidades do Museu", afirma Valdir Jagmin, assessor do MAB, funcionário da Fundação Educacional cedido à Fundação Cultural, assim como Andrade e Márcia Lima Nogueira da Gama, também assessora, que es-

"O que fazemos é uma direção dissidente"

Durante esta semana, várias tentativas foram feitas para se localizar o diretor do MAB, Rogério Duarte — inclusive, foi solicitada a intermediação da Secretaria de Cultura. A informação da secretária de Fernando Lemos, o (ainda) titular da pasta, era de que Duarte estava sendo procurado há dois dias (desde terça-feira passada), já que havia uma reunião marcada entre ele e Lemos. Ontem, o diretor do MAB ligou para o Caderno 2 para falar da sua gestão durante esses dois anos, que ele considera "extremamente produtivos".

Jornal de Brasília — Mesmo sem verbas e infra-estrutura necessárias para um funcionamento mais adequado, como o senhor avalia positivamente a situação do MAB?

Rogério Duarte — Apesar dessa questão das capacidades físicas, o museu está 100% dentro das idéias geradoras. Há exposições frequentes do acervo, duas oficinas básicas e uma para crianças, que é o que comporta a capacidade do MAB, e nós nos preocupamos em fazer a manutenção disso. O nosso trabalho é muito mais de resistência cultural, nós houve uma participação mais intensa do governo. Aliás, não não participamos do governo, o que fazemos é uma direção



Rogério Duarte: "Para chegar ao museu tenho que pegar dois ônibus ou pedir carona"

dissidente. Mas, sem as condições básicas, é possível levar adiante o seu projeto para o museu?

O que nós estamos fazendo é tratar da existência cultural do MAB. O Estado dá funcionários, salários e a equipe de montagem das exposições. As importantes exposições, inclusive internacionais realizadas, são resultado de uma ação cultural. Os funcionários estão no museu há muito tempo e independem dessas condições. Além disso, a criação da Associação dos Amigos do Museu mobilizou pessoas da comunidade. Nós estamos fazendo uma administração autônoma. Não era para ser falado aqui, mas eu vou falar: eu mesmo fui prejudicado, a viagem que me conduzia ao MAB foi tirada. Para chegar ao museu tenho que pegar dois ônibus ou pedir carona.

Sem estrutura, mas com muito entusiasmo. Isso basta?

O entusiasmo é a única coisa que basta. A questão é a ocupação de um espaço como resistência cultural. Nada de significativo em termos estruturais tivemos do GDF. Mas nada tenho a ver com o governo. Sou um dissidente. Tenho a ver com a cultura.

Mas tem havido reclamações de sua ausência do Museu de Arte.

É burrice falar em ausência burocrática. Passo o meu tempo todo tratando de cultura. Por minha conta, aluguei um escritório onde estou de plantão permanente. Estive presente na montagem das exposições. Faço contatos com as embaixadas e estou sempre indo à UnB, com a qual nós mantemos um convênio.

CALENDÁRIO DE 94

Mesmo faltando definir algumas questões da pauta de exposições deste ano, que necessitam de discussões com Rogério Duarte (o curador do MAB, responsável por sua parte artística), existe um calendário com algumas exposições. Ontem, foi aberta uma mostra resultante da oficina de Pintura Espontânea, que também vai acontecer este ano, junto com as oficinas O Que Pintar, para as crianças que residem nos arredores do MAB, e Percurso.

A primeira grande exposição vai ser de um brasileiro: uma retrospectiva de Douglas Marques de Sá (de 16 de março a 17 de abril). Também em abril, a partir do dia 20, será inaugurada a mostra O Livro de Arte Brasileira, reunindo obras raras da Biblioteca da UnB. Em setembro, já está agendada, para os espaços do MAB, a mostra do 3º Fórum Brasília de Artes Plásticas. Em junho, serão expostas as litogravuras produzidas no Instituto Tamarind, a oficina norte-americana que resgatou a gravura impressa a partir de matrizes de pedra, onde as imagens são traçadas com tinta gordurosa. Essa exposição está sendo mostrada, até este final de semana, no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Por enquanto, é a única mostra internacional programada para o Museu de Arte de Brasília. (M.T.A.)

À base de migalhas

Só a boa vontade faz um museu? Devem se perguntar os frequentadores mais assíduos do Museu de Arte de Brasília (MAB). Instalado em um prédio que não foi construído com este fim, com vários problemas de ordem estrutural, que muito lentamente vêm sendo sanados; com uma reserva técnica — o local onde parte do acervo que não está sendo exposto é guardado — mais ou menos apropriada para a conservação das obras; banheiros em estado lastimável, o MAB vem funcionando graças ao empenho de alguns funcionários. Mas não são todos os escalados para esta função que fazem do MAB, apesar de tudo, um ponto de referência das artes da cidade.

O próprio diretor do Museu, na verdade o seu curador, o designer multimídia baiano Rogério Duarte, tem sido pouco visto no MAB. Se alguém que tome as rédeas da instituição, castigada pela cruel falta de verbas, que não permite que seja adquirida nem mesmo a tinta para pintar os painéis onde são expostas as obras,

somente resta ao míngua corpo técnico-administrativo dar continuidade ao trabalho à base de migalhas. É sobrevivendo das debilidades que vem funcionando este espaço onde são abrigadas obras de importantes artistas do País, mas que sobretudo guarda muito da história da arte produzida no DF.

Desse modo, não adianta o profissionalismo dos seus poucos funcionários, já que a instituição não se profissionaliza. Enquanto o governo não se convencer de que o povo quer "comida, diversão e arte", a situação do MAB tende a permanecer como está. E todo um acervo, que além do valor de mercado, tem um valor inestimável, por contar parte da história da cidade — aquela feita de forma mais bela, está em risco permanente.

É hora, portanto, de providências serem tomadas para que os nossos bens culturais possam resistir. O museu é do povo, as obras de artes são do povo. O governo, fiel depositário desse acervo, não pode ficar de "braços cruzados" e o povo "a ver navios". E para que o povo assuma este espaço, que é seu, é necessário que o GDF assumira a sua parte e faça do MAB, pelo menos, um local onde os banheiros têm condições de uso. (MTA)

tão no Museu desde a sua fundação, em 1985.

Atualmente, está sendo feito um levantamento de todas as obras do acervo — cerca de 900, nos mais diversos gêneros — pela museóloga Fátima Guimarães, que também faz parte do "time". Essa catalogação vai constatar o verdadeiro estado das obras, muitas das quais necessitando de restauração urgente. No ano passado, o MAB conseguiu contar novamente no seu acervo com o tríptico *Exposição e Motivos de Violência*, de João Câmara, um dos mais importantes artistas do País, restaurada, a pedido do autor do quadro, em seu ateliê, em Olinda (PE). A obra, inclusive, está sendo mostrada atualmente, junto com outras obras do acervo.

Maloca — Menos sorte tem tido a *Oca Maloca*, de Maria Tomaselli, bem na entrada do Museu e um dos trabalhos mais visitados. Como é uma obra para ser "mexida" pelo público, a *Oca* precisa de reparos urgentes. "A artista até já se dispôs a vir restaurá-la, mas não temos dinheiro para comprar a sua passagem e nem para pagar a sua hospedagem", lamenta Eurico Andrade. O painel do artista Nuno Ramos, adquirido através do Prêmio Brasília de 1990, de grandes dimensões — com muitos volumes que se integram à tela — vai continuar do lado de fora do Museu.

Até bem pouco tempo a obra estava no chão, mas recentemente foi fixada na parede. Ao lado da tela, há uma "casa" de abelhas. Apesar dos problemas, no ano passado o MAB teve (poucos) pontos positivos. A presença de exposições — que chegaram a reunir, num único dia, 450 visitantes — do alemão Joseph Beuys, um dos maiores artistas alemães, famoso por suas performances, e do holandês Mauritz Cornelius Escher, um mestre das artes gráficas deste século, obrigou a aquisição de ar-condicionados e desumidificadores, para dotar a sala de exposições das condições ideais de manutenção das obras originais.

Hoje, os desumidificadores são usados na reserva técnica — uma das partes mais importantes de um museu, onde as obras que não estão sendo mostradas ficam conservadas. "Mas, se houver uma exposição no subsolo do MAB, vai ser necessário deslocar os desumidificadores e a reserva técnica ficará descoberta", também lamenta Márcia Gama.

"Entre não ter as condições ideais e não ter um museu, é melhor o MAB", pondera Valdir Jagmin. Segundo ele, a equipe se esforça para fazer o melhor. "É lógico que temos senso crítico e, inegavelmente, nós esperamos mais", comenta. Jagmin descreve o trabalho do corpo técnico do Museu como "de pé no chão, descalço mesmo".